



Tava lá no Mato... - Mostra Fotográfica Pankararé que o MAE/UFBA apresenta a seu público é fruto do trabalho do jovem pesquisador francês Cyril Menta. Atualmente, ele desenvolve sua tese de Doutorado na École de Hautes Etudes em Sciences Sociales, sob a coordenação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A comunidade Pankararé goza de notável presença no acervo do MAE/UFBA, seja através de sua cultura material (como os vasos cerâmicos, os apitos, os colares, os brinquedos, as roupas do Tonã, cocares, etc., que atualmente ocupam um de nossos expositores), seja através dos elementos rituais mais frequentemente apresentados por eles (como a dança ritual do toré, que funciona como forte elemento diacrítico na construção de sua identidade étnica), e que foram particularmente documentados a partir de fotografias realizadas por pesquisadores no correr das últimas décadas. Juntos, estes elementos formam uma importante parte do material atualmente em exposição no MAE/UFBA.

O trabalho de Menta acrescenta muito ao estatuto etnológico alcançado pelos Pankararé que, como se sabe, emerge como grupo étnico nos anos 60 e 70 do século XX, e complementa, sem dúvida, todo um esforço para consolidar a presença desta comunidade no âmbito do MAE/UFBA.

## FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora  
Dora Leal Rosa  
Vice-Reitor  
Luiz Rogério Bastos Leal

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Direção  
Cláudio Luiz Pereira

Museólogos  
Antônio Marcos de Oliveira Passos  
Jurandir Oliveira da Silveira

Conservadoras-Restauradoras  
Mara Lúcia C. Vasconcelos  
Celina Santana

Corpo Funcional  
Geovane Hilário da Silva  
Alice Gomes  
Izania Santos  
Regina Lemos  
Carlos Alberto Dantas

Bolsistas  
Hildelita Marques  
Mauriceia Souza  
Luana Vieira  
Renata Cardoso  
Cristiane Oliveira  
Viviane Santos  
Mônica Reis  
Samuele Ferreira  
Letícia Santos  
Lidenilson Araújo

Fotografia  
Cyril Menta

Diagramação  
Alice Meira Gomes

Realização



Apoio

# TAVA LÁ NO MATO...

## Mostra Fotográfica Pankararé

Abertura:  
23 Julho de 2014, às 16h



Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA  
Terreiro de Jesus - s/n - Prédio da Faculdade de  
Medicina da Bahia. Pelourinho, Salvador, Bahia. CEP: 40025-010  
Tel.: 71 3283-5530 | [www.mae.ufba.br](http://www.mae.ufba.br)

Debaixo do sol forte, ou de uma fina chuva invernal do sertão, com a luz do dia, da lua clara, das estrelas, e de um fogo improvisado, em casa, no mato, nos terreiros, trabalhamos muito, rimos muito, cantamos muito, e mutuamente aprendemos coisas que a linguagem cotidiana, geralmente, não pode dar conta: coisas cantadas, coisas gritadas, choradas, e sentidas no mais fundo da carne.

Passei vários meses com os Índios Pankararé, no meio do sertão da Bahia. Fui acolhido muito generosamente pelo cacique Afonso, a família dele, e o povo Pankararé. Eles me autorizaram a viver seu mundo: sentir primeiro o lugar, suas fragilidades, suas dificuldades, suas energias, suas intuições, seus poderes de mudança, de moradia.

Os Índios Pankararé vivem no extremo norte do estado da Bahia, no Brejo do Burgo, municipalidade de Glória, perto da cidade de Paulo Afonso, dentro de um território demarcado recentemente, depois de décadas de luta. São pouco mais que 1.600 índios vivem agora dentro desse território, coabitando com centenas de famílias de posseiros. Discriminados desde a chegada dos “brancos”, eles sofreram violências, destruições dos terreiros, alguns foram mortos, enquanto que outros foram proibidos pela população local de praticar seus rituais e sua religião.

A dança do praiá faz parte dessas experiências de forte emoção e é, certamente, a expressão cultural mais intensa e representativa dos Pankararé. O termo “praiá” designa tanto a roupa usada, quanto a dança durante a qual ele está sendo usado. O praiá simboliza a força dos encantados, dos índios que descobriram o segredo da imortalidade, retirando-se no mundo espiritual. Eles são a força da aldeia. Assim, cada roupa deste tipo representa um encantado, que é dono da roupa, como acontece

durante um batizado, tal como apresentado nessas fotografias aqui expostas. Esse batizado sela a relação do homem com a entidade, relação que deve ser mantida, com respeito, devoção, e dentro de um regimento específico. É uma ligação da entidade com o homem durante toda sua vida. Esta vestimenta também é confeccionada com uma fibra sagrada: o caroá.

Observar nos jovens Pankararé essa forte vontade de manter as tradições é perceber quão interessante será o futuro para esta população indígena com uma cultura diferenciada. As crianças podem também ter um praiá, num momento ainda reversível. Através dele é possível sentir o peso das tradições, das obrigações, do compromisso com a roupa e a entidade, bem como a responsabilidade individual e coletiva, já que tudo isto converge para o bem da comunidade, das obrigações em relação às tradições e da importância destas tradições para o futuro. E esses jovens não só dançam, ou cantam, mas sobretudo aprendem no contato com os mais velhos, os verdadeiros detentores do conhecimento, a transar o caroá e fazer cordas para confeccionar essa roupa. Pois o praiá é um verdadeiro “dom da natureza”, na interpretação dos Pankararé, já que os espíritos-mestres escolhem o eleito, dentro dos índios, que os homenageará e os convidará durante as festas.

Cada roupa confeccionada é muito mais do que uma simples tessitura: é uma representação do mundo espiritual suplementar, servindo para cuidar da comunidade (não só de uma pessoa, mas de toda a nação), para ajudar e proteger, para fazer de tudo para que nada falte, para resguardar em caso de perigo ou de ataque inimigo, para dar força nos combates cotidianos. Aqui está justamente a importância dessas representações.

Aqui, a tradição se junta à modernidade, os costumes ancestrais se acomodam em novos jeitos de fazer, em novas maneiras de ser. Não é mais possível mexer com o mito dos “primeiros povos”, forma moderna da nostalgia para o paraíso perdido, que inverte os tratos negativos associados à sociedade moderna. O enraizamento não proíbe a inovação nem a abertura ao mundo. Pelo contrário, a associação, hoje em dia, com as novas práticas culturais, assegura geralmente a sobrevivência das tradições, sem que essas caiam em um mundo em desordem.



Cyril Menta.  
Doutorando em antropologia social. Ecole des Hautes  
Etudes en Sciences Sociales, Paris. Universidade Federal do  
Rio de Janeiro – Museu Nacional.